



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E BELL HOOKS NA ESCOLA

GABRIELA SOARES DA ROSA¹; SÔNIA SCHIO; FERNANDO ROSÁRIO²; VERA LÚCIA DOS SANTOS SCHWARZ³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – gabii_rs@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@hotmail.com 2
Instituto Estadual de Educação Assis Brasil - fernando-nrosario@educar.rs.gov.br

³Universidade Federal de Pelotas – verasschwarz@gmail.com 3

1. INTRODUÇÃO

O presente texto visa relatar a experiência de formação ancorada em prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, como bolsista residente do Projeto Residência Pedagógica nas áreas de filosofia e sociologia, sob o prisma de uma inquietante questão que me acompanha nas minhas experiências enquanto educadora: é possível transgredir num ambiente institucionalizado escolar? Entendo o termo transgredir como o rompimento de fronteiras e valores opressivos, criando novas formas de existir, pautadas na liberdade.

Em busca de respostas me vi em uma sala de aula do 3º ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil em Pelotas/RS. Tenho sido orientada e acompanhada pelo professor de sociologia da escola-campo, Fernando Rosário, ele me concede certa autonomia para propor e desenvolver aulas e avaliações segundo uma epistemologia e pedagogia que vem sendo desenvolvida no meu processo formativo na licenciatura em Filosofia.

O objetivo do trabalho, na escola parceira e exposto a seguir, é relacionar um pensamento teórico crítico utilizando como referência bell hooks(1994), em consonância à uma práxis pedagógica vivida e construída coletivamente durante o processo do Programa Residência Pedagógica - Filosofia e Sociologia, tendo como objeto específico de análise a vivência e mediação do debate sobre descriminalização do aborto na turma 3 EM 5, ocorrido no dia 15 de agosto de 2023.

Seguindo a importante temática sobre a possibilidade de uma educação como prática de liberdade, isto é, de transgredir barreiras sexuais, raciais e de classe social em sala de aula a fim de formar sujeitos históricos ativos e tendo como meta a elaboração de uma educação crítica radical feminista e antirracista como ensina a autora (HOOKS, 1994), fez-se necessário analisar os espaços de possibilidade para a construção de uma realidade democrática em sala de aula, onde cada um assuma a responsabilidade de aprender e de comprometer-se com a construção e a apropriação do conhecimento.

A construção de um ambiente de aprendizagem por meio do exercício do debate foi um momento delicado e ao mesmo tempo relevante na tentativa de estabelecer uma sala de aula pautada no respeito, na escuta atenta, no diálogo e no desenvolvimento crítico, intelectual e espiritual dos alunos. Sem buscar (ou acreditar) que o problema possa ser facilmente resolvido e que há soluções fixas, estáticas, o processo gerado pela experiência será narrado em grandes linhas, isto é, sinteticamente. Bem como suas motivações, seus resultados a curto prazo e conclusões percebidas até o momento.

2. METODOLOGIA

A minha atuação com a turma iniciou em março de 2023. Inicialmente, recebi a lista de conteúdos a serem estudados durante os trimestres. Houve também os momentos semanais para debate entre colegas e professores da residência pedagógica para melhor construir os planos e atividades das aulas.

Entretanto, desde as primeiras aulas já havia a intenção de criar uma comunidade de aprendizado (HOOKS, 1994). Nos primeiros momentos o diálogo foi mais tímido e poucos alunos, geralmente os mesmos, falavam. Aqueles que se sentiam à vontade para conversar sobre as temáticas da aula e se apropriar do conteúdo e debates propostos, o faziam, compartilhando pensamentos e entendimentos pré-concebidos. Aqueles que preferiam o silêncio, eram respeitados.

Ao final do primeiro trimestre escolar, durante uma conversa sobre a avaliação das aulas, os próprios alunos manifestaram interesse em realizar uma atividade de debate, na qual eles poderiam expor e confrontar ideias. O segundo trimestre foi dedicado ao estudo e aos diálogos sobre questões filosóficas de ética. Nesse contexto, foi acordado entre a turma e a residente supervisionada pelo preceptor, que o trabalho avaliativo seria um debate, onde toda a turma trabalharia em prol de confrontar ideias. Uma semana antes da atividade fizemos uma votação e o tema do debate, inicialmente escolhido, foi a descriminalização da maconha. Para tanto, eu expus orientações no sentido de cada aluno se aprofundar na temática para que, no dia da atividade, eles conhecessem o tema, com os prós e contras, para argumentar e terem previamente pensado em como os exporiam. Porém, um dia antes da execução, a representante da turma me procurou relatando que a turma, democraticamente, decidiu pela troca do tema, que seria então a descriminalização do aborto.

Visando, mais uma vez, à tentativa da construção de um ambiente educativo que promova a liberdade e conseqüentemente a responsabilidade dos alunos, aceitei a troca do tema e reiterei que estudassem sobre a questão para a melhor qualidade do debate.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao chegar no dia da execução da atividade, a turma estava agitada e o caos parecia estar instaurado, antes mesmo que eu pudesse cumprimentá-los ou fazer qualquer tipo de encaminhamento para o debate acontecer. A decisão sobre o tema do debate não tinha sido aceita por parte da turma, e o próprio tema do aborto parecia ser uma questão complexa, que dividiu a turma e reverberava em fortes emoções como raiva, que os fazia falar alto, promovendo um clima de confusão e desrespeito entre eles e deles com os educadores.

Houve a intervenção do Professor preceptor Fernando, que acalmou a turma e atraiu a atenção para o restabelecimento de um clima mais respeitoso. Fizemos então mais uma votação e ficou evidente que o tema seria realmente a descriminalização do aborto.

Então eu assumi o papel de educadora crítica e fiz uma fala reiterando a relevância do tema e a relevância de um espaço de debate, onde todos teriam voz e espaço para a discordância. Além disso, mencionei que o desrespeito não seria tolerado e a intenção era de construir um espaço democrático e crítico, no qual os problemas são debatidos para superar as contradições e expor desconfortos através da comunicação e da argumentação clara, honesta e respeitosa.

Os alunos, percebendo a importância e a responsabilidade que o contexto exigia, porém alguns ainda com os ânimos exaltados, eles, em geral, se esforçaram para respeitar cada voz durante o debate, que aconteceu por volta de apenas 15 minutos.

Poucos educandos expuseram suas próprias opiniões. Apesar disso, foi um momento marcante para que diferentes visões pudessem ser confrontadas. Isso não significa que a questão foi resolvida ou completamente exposta e esgotada. Ao contrário, ficou explícito que dar nome e expor os desconfortos perante um tema politicamente relevante, é desconfortável, porém, de extrema necessidade para o amadurecimento de cada componente da turma enquanto comunidade de aprendizado.

4. CONCLUSÕES

A construção de ambientes educativos, nos quais cada um se aproprie do processo de construção de conhecimento de forma intencional e crítica é, realmente, um desafio quando penso na sociedade que estamos inseridos, e na própria estrutura política que a educação está posta enquanto instituição escola. Entretanto a escola, mesmo com as dificuldades e limitações que possui, permite aos educadores certa autonomia no ensinar e aos nossos próprios pressupostos pedagógicos e epistemológicos do processo de ensino-aprendizagem.

O comprometimento com uma pedagogia crítica radical feminista e antirracista está longe de superar imediatamente todas as fronteiras sexuais raciais e de classe que nos são apresentadas durante o processo de ensinar e aprender. Contudo, o rompimento com uma pedagogia tradicional com valores de mercado, racistas e sexistas, e a escolha de uma fundamentação crítica traz também a noção da construção de uma sociedade mais justa e democrática, sabendo que o espaço para debate e confrontação em sala de aula pode ser potente no sentido de criar espaços de diálogos, de trocas de conhecimento, de confronto de opiniões e de reconhecimento das diferentes vozes, dos diversos sujeitos históricos.

Fica constatado assim, a necessidade e a urgência de haver, no ensino médio, espaços onde os alunos possam experimentar a construção de princípios democráticos, criando comunidades de aprendizado, de escuta e de participação ativa. Dessa forma, caso haja uma participação conjunta em prol do objetivo em comum, poderá haver a transgressão de valores racistas, patriarcais e classistas, tendo como ponto de partida a sala de aula crítica e engajada, com o objetivo de que a dignidade humana seja vivenciada e preservada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. De M. Cipolla, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1980.

SAVIANI, D. **Interloquções Pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2010.